

MARIA JOSÉ ALMADA NEGREIROS

IDENTIFICAR
ALMADA

ASSÍRIO & ALVIM

Tenho 52 anos. A minha biografia começa exactamente no instante em que nasci e nunca mais ninguém teve nada com isso senão eu.

Os outros que me identifiquem à vontade. Tudo o que fiz é a minha vida inteira como é a minha vida inteira tudo o que faço: É sempre serviço meu à humanidade; se serve não é meu, se não serve é meu.

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

Pediram-me para o identificar. Tratando-se de uma pessoa normal, já é difícil, quanto mais o não será quando se trata de alguém a quem tão bem se aplica a frase «Conocido si / Abarcado no»?

Há certas coisas, poucas, bem sei, em que a ignorância é quase indispensável, porque ela nos dá o à-vontade e a relativa confiança de pensar que somos *capazes*. Sei que entrevistas, biografias, autobiografias (então!) têm uma suficiente média de lapsos incómodos. Percebe-se lindamente, porque o erro, mesmo quando pequeno, é a nódoa no pano branco da toalha de linho. A nódoa tem uma força!

Com ele, há o perigo contrário: o de não encontrar as verdades todas. Ainda ontem fiquei pendurada num desenho que nunca tinha visto. Por ser tão fantástico, pensei que ainda bem que já tinha feito o trabalho, pois há coisas que nos podem tolher.

Fazer uma obra de arte da nossa vida ou ser uma obra de arte é uma coisa completamente diferente. Esquisito, não é? Com as pessoas geniais normalmente mais vale estar longe delas, para não nos desapontarem. Mas com o Almada o perigo era nós não conseguirmos apanhar todas as suas verdades. Ele é como um grande bolo de vários sabores: cada um escolhe o que mais gosta e, ao fazê-lo, entra sem se dar conta num labirinto. De Almada, conheço muito menos do que os estudiosos, só sei que ele próprio se moldou em obra-prima: por me lembrar disso comecei nas primeiras páginas a falar do fim em vez de ser do princípio, e fui fazendo sem datas, sem começos e tudo às vezes entrelaçado de mais. Mas quando estava um bocado atrapalhada nesta *kind of biography* encontrei uma passagem de Jorge Luis Borges que dizia quase o que eu estava a fazer e me sossegou:

Enumeralo, seguir el orden de sus días me parece imposible; mejor buscar su eternidad, sus repeticiones. Sólo una descripción intemporal, morosa con amor, puede devolvérmelo.

Eu disse «quase» porque não estava a fazer uma biografia morosa mas, em contrapartida, apareceu tanta coisa nova que foi como se fosse. Todo aquele vazio de Paris, e a sua vida entre 1920 e 1930, que não eram públicos, são novidades. Novidades — tanto tempo guardadas em caixas de cartão, em prateleiras de armários onde não se mexe. Para mim, as caixas de cartão, amarelecidas pelo tempo, estão

sempre ligadas a tesouros como os dos barcos no fundo do mar. Mas nas caixas é mais fácil, é só estender a mão e mergulhar no tempo cinquenta, cem anos.

Foi assim que fiz o livro encomendado pela Imprensa Nacional sobre a vida e obra de Sarah Affonso. O material estava tão bem arrumado, vincado, certo, à espera de sair para a rua, tudo em caixas de linhas de bordar. Desta vez também tive a sorte de tanta coisa me vir cair nas mãos: resmas de cartas de Almada dos anos 20 e um diário de uma das suas grandes amigas da altura.

Este é o primeiro livro que fala de tais acontecimentos, até agora desconhecidos e que de certo modo ajudam à compreensão da sua obra. Exactamente como Almada disse, aos cinquenta e dois anos, tudo «o que fiz é a minha vida inteira como é a minha vida inteira tudo o que faço».